

COLETIVOS DE TORCEDORAS FEMINISTAS: O CASO DO MOVIMENTO TODA PODEROSA CORINTHIANA

Resumo

O presente trabalho irá analisar o Movimento Toda Poderosa Corinthiana (MTPC), coletivo criado em março de 2016 e formado exclusivamente por torcedoras do Sport Club Corinthians Paulista. Constituído por mulheres que construíram a sua politização dentro do futebol, processo esse que passa também pelas experiências de assédios, estigmatizações e interdições que são impostas às mulheres dentro desse universo, o MTPC além da exaltação do time de coração, faz o questionamento do machismo no futebol e na sociedade brasileira, reivindicando também maior visibilidade às mulheres no futebol. Incentivado pela grande visibilidade de campanhas elaboradas por organizações e coletivos feministas que se utilizaram do potencial das redes sociais digitais – casos, por exemplo, das ações #meuprimeirassédio e #meuamigosecreto –, o Movimento Toda Poderosa Corinthiana construiu as suas estratégias para alcançar visibilidade por meio do site de rede social Facebook, em postagens e ações que questionam as posturas machistas de diferentes atores do campo futebolístico, reivindicando a produção de novos sentidos sobre a participação das mulheres no futebol, seja nas arquibancadas, como dentro de campo.

Introdução

O Movimento Toda Poderosa Corinthiana (MTPC) surge publicamente em março de 2016, a partir da criação da página do movimento no site de rede social Facebook¹. O MTPC é formado exclusivamente por mulheres torcedoras do Corinthians, que aliam a manifestação da paixão pelo time de coração com o posicionamento político que questiona e confronta o machismo e também reivindica maior visibilidade às mulheres no futebol e na sociedade.

No mesmo ano de 2016, outros movimentos de torcedoras feministas foram criados, como o Movimento Coralinas² e o Interfeminista³, que também fizeram uso do Facebook para construir a sua visibilidade.

¹ O endereço da página do Movimento Toda Poderosa Corinthiana, no Facebook é: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/>. A página possui atualmente 6792 curtidas e 6820 seguidores. Acesso em: 10/05/2018.

² Coletivo formado por mulheres torcedoras do Santa Cruz Futebol Clube de Pernambuco. A página do Movimento Coralinas é seguida por 1644 pessoas. O endereço da página do coletivo no Facebook é: <https://www.facebook.com/movcoralinas/>. Acesso em: 11/05/2018.

Esse artigo visa apresentar a trajetória do MTPC e analisar algumas de suas estratégias discursivas para dar visibilidade à participação das mulheres no campo futebolístico e dos enfrentamentos e resistências enfrentadas nas interações com o campo futebolístico. Serão analisadas algumas postagens feitas pelo grupo e a repercussão alcançada, além de relatos obtidos em entrevistas de história oral com integrantes do movimento, feitas com o propósito de “conhecer as suas vivências, discursos e embates com o campo futebolístico”⁴ (PINTO; BONFIM, 2017, p. 10).

Movimento Toda Poderosa Corinthiana: o feminismo resignificando o ser mulher no futebol

No dia 24/03/2016, a capa da edição de São Paulo do diário esportivo Lance!⁵, um dos principais diários esportivos do país, fez referência à vitória corinthiana sobre o time do São Bernardo em partida do Campeonato Paulista daquele ano. Com o título “Fez Bonito!”, a manchete de capa dizia: “Musa do São Bernardo dá show, mas na bola quem manda é o Timão, que vence mais uma!”. Ocupando o lugar de maior destaque na capa, há uma foto da “musa do São Bernardo”, vestindo saia curta e top decotado. No canto da página, uma foto menor mostra jogadores do Corinthians comemorando um dos gols da vitória do time.

Tal capa dá uma mostra de uma prática por muito tempo corrente no jornalismo esportivo brasileiro, que é a objetificação das mulheres, por meio, por exemplo, de patrocínio a concursos de beleza com as “musas”, “gatas” dos times de futebol e de seções dedicadas à apresentação das “musas dos esportes”, em que mulheres jovens são expostas em fotos e vídeos de conotação sensual. Tais conteúdos deixavam explícita uma concepção heteronormativa na qual o homem cisgênero e heterossexual seria o interlocutor e consumidor padrão desses veículos de comunicação, reforçando a ideia de que o futebol é “coisa pra macho”. Silva (2016) apresenta um exemplo da década de 1950, que ajuda a entender como se formou tal representação da mulher pela imprensa esportiva:

³ O coletivo INTERfeminista é formado por torcedoras do Sport Club Internacional (RS). A página do INTERfeminista conta com 1558 seguidores. O endereço da página do coletivo no Facebook é: <https://www.facebook.com/coletivoINTERfeminista/>. Acesso em: 11/05/2018

⁴ A entrevista com Analu Tomé, Petúnia Ribeiro e Denise Bonfim foi realizada em 26/11/2016, como parte do projeto “Pelo Direito de Torcer”, em parceria com o Museu do Futebol e o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). A transcrição da entrevista na íntegra está disponível no banco de dados online do CRFB: <http://dados.museudofutebol.org.br>.

⁵ Diário esportivo criado em 1997, com sede no Rio de Janeiro, e com versões regionais em diferentes partes do país, inclusive em São Paulo. Além do jornal diário, o Lance! também tem um site no qual veicula notícias do esporte: www.lance.com.br. A página do diário no Facebook tem mais de 3 milhões de curtidas: <https://www.facebook.com/grupolance/>. Acesso em 11/05/2018.

Conforme se viu, a objetificação do corpo feminino já era corriqueira com certas mulheres nos anos 1950. A *Gazeta Esportiva Ilustrada*, primeira revista paulista especializada em esportes, iniciava, logo em seu número um, datado de 1953, uma tradição: na contracapa do periódico se publicava uma atleta de qualquer modalidade em pose sensual, vestida com trajes sumários de sua modalidade e acompanhada dos dizeres “Pra quê legenda?”. Comumente apareciam reportagens de duas ou mais páginas sobre a vida de moças que seriam indicadas ao prêmio “a mais bela esportista”, algumas das quais sequer praticavam esportes. Essas matérias eram acompanhadas de fotos que exaltavam a beleza física das moças e textos que reafirmavam estereótipos de feminilidade, como graça, delicadeza, vaidade e preocupação com o próximo. Algumas delas já nem mencionavam qualquer prêmio, apenas se propunham a apresentar belas esportistas (SILVA, 2015, p. 31).

Em razão do crescimento da participação das mulheres no campo futebolístico, inclusive como consumidoras dos conteúdos publicados sobre o jogo, tais concursos de beleza e seções dedicadas às musas passaram a ser criticadas e deixaram de ser tão comuns no jornalismo esportivo. Ainda assim, a alusão à “musa”, explorando a imagem de atletas e mesmo de torcedoras, é ainda constante e fica evidente na capa em questão.

Diante da indignação causada pela capa e em sintonia com movimentos e ativismos feministas contemporâneos, um grupo de mulheres corinthianas, que estava começando a se organizar e pensar as suas estratégias de atuação, viu nesta demonstração pública de machismo a oportunidade de se apresentar ao público. Assim, com a postagem transcrita a seguir, surgiu o Movimento Toda Poderosa Corinthiana:

“[NOTA DE REPÚDIO]

O Movimento Toda Poderosa Corinthiana vem às redes sociais para mostrar seu repúdio à capa do jornal esportivo Lance! de hoje, dia 24 de março. Entre tantos destaques do futebol na noite da quarta-feira, optou-se por expor, mais uma vez, a mulher de maneira sexualizada e objetificada. [...] Esse tipo de manifestação por parte da mídia apenas ressalta uma dívida histórica da sociedade para com as mulheres, sejam elas torcedoras ou jogadoras, que por décadas foram tratadas como um “não público-alvo” do esporte, proibidas e boicotadas. Enquanto milhares de mulheres seguem seus times por paixão à camisa ou dedicam uma vida como profissionais em campo, é ainda preciso diariamente fazer mais: lutar contra o machismo e a invisibilidade seletiva. [...] Acreditar que essa capa pode oferecer representatividade para as mulheres no futebol é reforçar estereótipos apenas sob a ótica masculina e ignorar o esforço de tantas vozes. Representatividade, para nós, extrapola sim as quatro linhas, mas jamais caberá dentro de um sutiã.

MOVIMENTO TODA PODEROSA CORINTHIANA

#AcordaLance #RepudioaoLance #mtpc #EmpoderamentoDasArquibancadas”⁶

A criação do MTPC acontece em meio ao crescimento de campanhas e ações elaboradas por organizações e coletivos feministas que têm se utilizado do potencial das redes sociais digitais para dar visibilidade a questões relacionadas ao machismo e à situação das mulheres na sociedade brasileira, dentre elas, a desigualdade de gênero e a violência contra as

⁶ Extraído da primeira postagem feita pelo MTPC, em 24/03/2017, que recebeu 924 curtidas, 103 comentários e 338 compartilhamentos. A capa em questão também acompanha a postagem. Disponível em: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/a.207046452993754.1073741828.207037396327993/207046436327089/?type=3>. Acesso em 08/05/2018.

mulheres. A repercussão desses ativismos contribui para a ampliação do empoderamento feminino e também para a desnaturalização de situações de violência ou opressão tratadas como comuns no cotidiano.

Campanhas que fazem uso de *hashtags*⁷, como #meuprimeirassédio⁸ e #meuamigosecreto⁹, alcançaram grande repercussão inicialmente nas redes sociais digitais e posteriormente, converteram-se em pautas que extrapolaram o ciberespaço e tornaram-se em temas de debates públicos na mídia e em outras esferas da sociedade. Freire (2016) considera tais campanhas e ações feministas nas redes sociais digitais, como “memes¹⁰ de ação popular”:

Campanhas como #elenãotebatemas... #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio são dotadas de uma capacidade persuasiva que se caracteriza por uma construção coletiva de sentido, mobilizando o cidadão comum. Sendo assim, se constituem como influenciadores de comportamentos, fazendo com que os outros usuários também queiram se engajar e replicar tais condutas (FREIRE, 2016, p. 28).

Inspirado em tais estratégias, como pode ser visto na nota de repúdio ao Lance! e em outras postagens, o MTPC construiu a sua visibilidade nas redes sociais, assumindo um posicionamento engajado com o propósito de discutir o machismo e a pouca representatividade da mulher no futebol para um público mais amplo. Tal estratégia também contribuiu para que outras mulheres corinthianas, de diferentes partes do Brasil e também vivendo em outros países, se juntassem ao movimento. Além da página pública que é acompanhada por quase 7000 pessoas, atualmente o MTPC conta com um grupo de aproximadamente 600 corinthianas¹¹, que participam de uma comunidade fechada no Facebook, construindo um importante canal de interlocução entre mulheres que vivenciam o seu torcer pelo Corinthians de diversas formas.

⁷ De acordo com Wittekind (2016, p. 28), a hashtag é um símbolo “que permite que os conteúdos debatidos sejam localizados por qualquer seguidor [de uma determinada rede social] que se interesse pelo assunto. As hashtags surgem como links que os usuários podem clicar e automaticamente são direcionados ao assunto pesquisado, fazendo que essas interações não fiquem limitadas a um número “x” de seguidores. Esse recurso fez com que os debates feministas saíssem dos coletivos e fossem vistos por um número de usuários maior”.

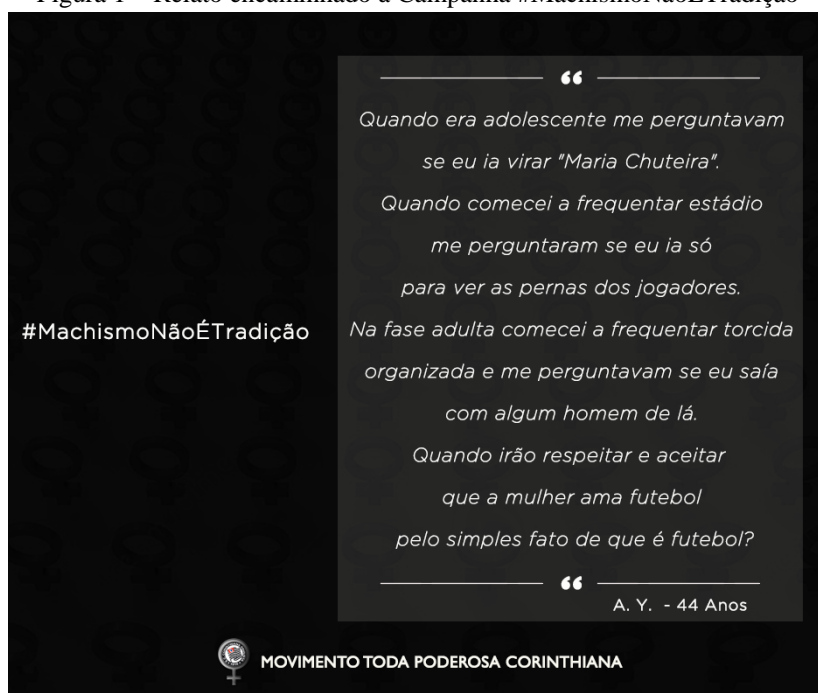
⁸ Campanha criada pela ONG feminista Think Olga, teve início em função de comentários de teor sexual, publicados em redes sociais, dirigidos a uma criança de 12 anos, participante do reality show MasterChef Júnior. A campanha incentivava mulheres a relatarem seus primeiros casos de abusos e/ou assédio por meio da #meuprimeiroassedio.

⁹ Campanha criada pelo coletivo Não Me Kahlo com o objetivo de incentivar as mulheres a expor comportamentos invasivos, abusivos e sexuais que já haviam vivenciado feitos por companheiros, amigos, familiares e colegas de trabalho. Apesar de serem situações que se configuram como opressão de gênero, eram, muitas vezes, consideradas como “brincadeira” pela sociedade (WITTEKIND, 2016, p. 32).

¹⁰ De acordo com Freire (2016, p. 27-28), “um meme é sempre um conjunto (ou um acervo) de conteúdos, que, além de se espalhar, ganha versões e tem o seu significado alterado, reapropriado. Diferentemente do viral, que compreende uma unidade cultural propagada na web, o meme é sempre carregado de sentidos e referências”.

¹¹ Apesar da página pública ser acompanhada por pessoas que torcem por qualquer time, inclusive por quem não goste de futebol, nem torça para um time, a participação no grupo fechado é exclusiva para mulheres corinthianas.

Figura 1 – Relato encaminhado à Campanha #MachismoNãoÉTradição



Fonte: Movimento Toda Poderosa Corinthiana (Facebook) ¹²

O coletivo tem a sua história ligada ao Núcleo de Estudos Sobre o Corinthians (NECO), formado em maio de 2015, e que está vinculado ao Departamento Cultural do Corinthians. Meses depois da criação do NECO, foi proposta a realização de uma pesquisa e um debate sobre a pauta da representatividade das mulheres no Corinthians. Analu, corinthiana, sócia do clube, apresentadora da Rádio Coringão¹³ e uma das fundadoras do movimento, foi uma das convidadas a fazer parte do grupo de mulheres incumbido de realizar essa pesquisa. Após a apresentação dos resultados, que aconteceu na própria sede do clube, o grupo de mulheres decidiu se articular de forma autônoma e independente, com o objetivo de promover mudanças na forma como o clube se posicionava e dispensava tratamento às mulheres, tanto em relação às torcedoras, como também no que se refere ao estímulo e ao desenvolvimento do futebol feminino e de outras modalidades esportivas praticadas pelas mulheres:

O Movimento Toda Poderosa Corinthiana surgiu de um Núcleo de Estudos sobre o Corinthians (NECO). Esse Núcleo de Estudos foi apresentado lá no teatro, em março

¹² A ação #MachismoNãoÉTradição foi realizada em março de 2017, por ocasião do Dia Internacional das Mulheres. Nela, torcedoras corinthianas relatavam experiências vivenciadas de machismo e assédio no futebol ou em sua prática torcedora. O link para acessar a postagem é: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/a.207046452993754.1073741828.207037396327993/387665571598507/?type=3&theater>. Acesso em 01/10/2017. Para acessar outros relatos enviados desta ação, é possível fazer a busca pela hashtag #MachismoNãoÉTradição, no Facebook.

¹³ Trata-se de web rádio que dedica toda a sua programação ao Corinthians em todas as modalidades. O endereço para acesso à Rádio Coringão é: <http://www.radiocoringao.com.br/>.

desse ano (2016). Nós éramos em nove mulheres, que foram convidadas para desenvolver o Núcleo de Estudos Gênero Mulher. Quando fizemos a apresentação, nós sentimos necessidade de montar um coletivo de mulheres. E aí nós montamos o Movimento Toda Poderosa Corinthiana, a princípio um grupo fechado no Facebook e a gente sentiu necessidade de montar uma página aberta para divulgar o nosso trabalho. A princípio, quando a gente começou, nós éramos em nove. Ao longo disso, a demanda começou a crescer e cresceu muito, a gente sentiu a necessidade de chamar mais mulheres que participavam do grupo fechado, para ajudar na coordenação do movimento. Então, hoje, somos em 12, 13 mulheres coordenadoras. E provavelmente no ano que vem a gente vá ter que chamar novas colaboradoras... (risos) É muito trabalho, cresceu demais de uma hora pra outra, a gente não imaginava. Na verdade, a nossa intenção era um grupo fechado no Facebook para trocar experiências sobre Corinthians, sobre arquibancada, sobre torcidas, sobre machismo e, de repente, o negócio tomou uma proporção que a gente não imaginou que ia tomar, de tanta responsabilidade. Então, a gente tem o grupo fechado e por trás, temos as coordenadoras e moderadoras para uma estar ajudando a outra (Analu, MTPC).

Denise, também mediadora do movimento, ressalta o principal foco do coletivo: “A nossa bandeira é a mulher. A mulher no futebol, sim, mas a mulher acima de tudo!”. 13 mulheres compõem o núcleo de mediadoras do MTPC, responsável pela moderação da página e pela produção das postagens publicadas, além da organização das atividades realizadas pelo coletivo. Esse núcleo é composto por mulheres, majoritariamente, com vivência nas arquibancadas e mesmo no dia-a-dia do clube.

Para as integrantes do coletivo entrevistadas, a torcida organizada é definida como o universo no qual se vivencia mais intensamente o futebol e nela reside a “essência” do que é ser Corinthians. Além disso, parte da formação política dessas mulheres deu-se por intermédio das relações e experiências vividas dentro do campo futebolístico:

Como eu já fugia aos 15 anos para vir ao Pacaembu, procurava sempre ficava perto da arquibancada amarela, onde estavam os Gaviões. Eu sempre tive vontade, mas como eu morava longe, ficava meio que difícil. Enfim, eu fui galgando, fui abrindo meu caminho, e você vai fazendo amizade com um, faz amizade com outro, até que a minha vida deu uma reviravolta. Eu casei. Casei, tive filha - minha filha hoje está com 35 anos, graças a Deus. Eu fiquei só quatro anos casada, meu marido sofreu um acidente e morreu e eu fui cuidar da minha filha. Aí eu já não ia mais para o estádio, fiquei sozinha, não me casei mais, e foram raras as vezes em que fui ao estádio e fui perdendo todos os contatos do pessoal, porque naquela época não tinha telefone à vontade, celular, não tinha internet. A minha filha, graças a Deus, se formou na faculdade e aí eu falei: “Pronto, praticamente cumpri com a minha obrigação de mãe, já botei o meu ser humano num nível legal na vida, que já pode se virar. Agora vou fazer o que eu quero, o que eu realmente gosto.” Que foi voltar a ter contato com os Gaviões, depois de vários anos afastada, sem ir aos jogos e ir nos Gaviões. Aí eu retomei e foi exatamente quando, infelizmente, nós caímos em 2007. Falei: “Eu vou para todos os jogos da Série B, porque o meu Corinthians merece!”. Nisso que me associei e comecei a pegar todos os ingressos, fui retomando as amizades, fazendo outras com os Gaviões, aí comecei a ir para a sede, a quadra dos Gaviões, no Bom Retiro, e voltei com a corda toda, com todo o gás, com toda a vontade, fazendo muitas amizades. Sou associada aos Gaviões até hoje, fiz muitos amigos mesmo dentro dos Gaviões. Porque lá dentro nós temos um respeito muito grande, as pessoas realmente se respeitam, tem muita coisa boa que quem tá de fora não enxerga. Muitas ações muito boas, como doações de sangue, doações de cesta básica, ajuda a muitas famílias e eu fui cada vez me envolvendo mais, porque é um

mundo que a gente realmente quer que seja pra todos, que todos participem daquele mundo, porque é muito bom, pessoas fazendo coisas boas para outras e isso realmente acontece muito (Petunia, MTPC)

O Corinthians tem essa ligação. A gente tem essa coisa histórica, de Sócrates subir em palanque na época das Diretas, de entrar com faixa no estádio pela anistia, então já tem essa cara histórica do time. O coletivo que algumas de nós fazemos parte, o [Coletivo] Democracia Corinthiana, que é terminantemente contra tudo o que aconteceu [referindo-se ao golpe parlamentar que culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff], foi muito criticado por levantar essa bandeira pelo corinthiano que não tá contra isso. Mas pera aí! O Corinthians tá sempre ali ligado... A gente brinca que quem fala que futebol e política não se misturam, não entende nem de uma coisa, nem de outra (risos). Mas a gente tem uma grande carga histórica, um grande jogador, ídolo do nosso time, era um cara que subia no palanque, igual a Analu fez, e dizia: “A gente quer votar!” Então, não dá para você ignorar isso, não dá pra você ignorar pessoas como o Wladimir [ex-jogador do Corinthians e um dos mentores do movimento Democracia Corinthiana]. O Wladimir caminha nas passeatas com o pessoal do coletivo (Denise, MTPC).

Porém, o fato de ser mulher fez com que essas torcedoras se deparassem com interdições e estigmas no relacionamento com diferentes atores sociais do campo futebolístico. De acordo com Moore (1994), é no plano da cultura, por meio dos discursos sobre sexualidade e gênero, que se materializam as normas que estabelecem as diferenças entre ser homem e mulher, assim como as características e comportamentos que definem o que é masculino e o que é feminino:

Discursos sobre sexualidade e gênero constroem mulheres e homens como diferentes tipos de pessoa. Um exemplo muito óbvio disso na cultura ocidental é a forma que a sexualidade masculina e os homens são retratados como ativos, agressivos, confiantes e poderosos; enquanto a feminilidade e as mulheres são vistas como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas. [...] Discursos sobre gênero são potentes precisamente porque, entre outras coisas, eles engendram mulheres e homens como pessoas definidas pelas suas diferenças (MOORE, 1994, p. 138-139, tradução minha).

A desnaturalização dessas normas que visam a manutenção de privilégios masculinos e das violências simbólicas (e, por vezes, concretas) contra as mulheres, foram fundamentais para que essas corinthianas se posicionassem contra as barreiras e estigmas que caracterizam um contexto de desigualdade de gênero. Os relatos a seguir mostram as percepções e vivências que expõem obstáculos e interdições colocadas às mulheres que adentram no campo futebolístico:

Dentro do Movimento, nós temos muitas integrantes de torcidas organizadas, independente dos Gaviões. E muitas integrantes do movimento nem são de torcidas, são torcedoras que assistem pela televisão, são mundos totalmente diferentes, visões totalmente diferentes. As torcidas organizadas, e isso eu já tô falando no geral, não aceitam mulher se candidatar ao conselho. Na bateria, por exemplo, dos Gaviões da Fiel, a mulher não pode tocar qualquer tipo de instrumento. A mulher não pode conduzir, não pode tocar na bandeira. Sendo que há 15, 20 anos, a responsável pelo departamento de bandeiras era uma mulher. O que aconteceu? Em algum momento, eu acho que na década de 1980, 90, que começaram essas proibições. Porque na verdade, um dos fundadores dos Gaviões da Fiel, foi o Flávio La Selva. Sempre digo

que ele era um homem que estava a frente do tempo dele. Quando ele criou os Gaviões da Fiel, a essência era muito diferente que é hoje em dia. Eu tenho certeza que se Flávio La Selva estivesse vivo hoje, não teria essa série de proibições, porque ele não concordava com esse tipo de coisa. Para ele, homem e mulher, eram todos iguais e tinham que ser tratados igualmente, porque eram torcedores, independente do gênero. Mas ao longo dos anos, nos Gaviões, se perdeu isso e começaram as proibições. Infelizmente, não só os Gaviões, mas outras torcidas não só do Corinthians, mas a gente ouve de torcedoras do Sul, do Náutico, do Flamengo, do Ceará, todas sofrem com isso, porque o futebol no Brasil é um esporte masculino, é para homem. Aqui no Brasil, a mulher tem que gostar de vôlei (Analu, MTPC).

Eu me formei em Jornalismo. Quando escolhi a minha profissão, queria uma forma de ficar perto do Corinthians. Porque antes de fazer faculdade, isso atrapalhava um pouco meu trabalho. Em alguns momentos eu passava o dia em função do jogo da noite. Aí eu pensei: “Cara, como é que eu vou juntar isso? Todo mundo não fala que eu escrevo bem? Então, vou fazer Jornalismo”. Na hora, pareceu uma boa ideia. (risos) Fiz, comecei a fazer estágio e caí de paraquedas numa vaga de estágio em Esportes. Fiz 53 entrevistas, trabalhei num jornal grande, fiz entrevista com o editor-chefe, editor-geral, editor-executivo... E para vocês terem uma noção de como ele me ouviu, seis meses depois, fui trabalhar com uma camisa de time e ele me perguntou se eu gostava de futebol... Pra quem me conhece, não é muito difícil saber. Trabalhar em um ambiente de jornalismo comum é horrível! Você é subestimada todo tempo. Nunca você vai ter uma coisa grande e quando tem, vai ter uma parte pequena. E você nunca vai estar na linha de frente de uma cobertura, vai sempre ser uma coadjuvante. Admiro muito as mulheres que conseguem vencer, tipo a Fernanda Gentil, que além de ser uma boa jornalista, tem um carisma muito grande, trabalha na TV. Agora numa mídia impressa, vencer naquele ambiente, de uma editoria em que de 26 profissionais, seis serem mulheres, e o editor tratá-las, palavras dele: “Esses são meus enfeites” É muito difícil! Estar aqui é uma grande vitória e é uma vitória a cada dia. Porque quando você está no trabalho, você é subestimada, aí você está no seu momento de lazer e é subestimada de novo... E aí você se pergunta: “Por quê? O que eu fiz de errado?” (Denise, MTPC).

Mesmo preservando vínculos com torcidas organizadas do Corinthians, o MTPC não se furtou de fazer postagens críticas às restrições impostas às mulheres por torcidas organizadas, mesmo se tratando de uma organizada do Corinthians e, por vezes, envolvendo “amigos da arquibancada”. Em maio de 2016, o MTPC expôs na sua página um informativo distribuído por uma subsede da torcida Estopim da Fiel aos seus associados/as, com orientações sobre como estes/as deveriam se comportar e se apresentar nos jogos. Com forte conteúdo machista e homofóbico, o informativo foi duramente criticado pelo MTPC, que repudiava, dentre outras coisas, a tentativa “de diretores e membros de torcidas dizer o que as mulheres devem ou não vestir nos estádios”:

O Corinthians é o time do povo. Por povo, entendemos homens e mulheres, pobres e ricos, brancos e pretos. Em tempos de intenso combate ao preconceito e discriminação na sociedade como um todo, não podemos deixar passar em branco atitudes segregadoras dentro da nossa própria torcida. A repressão vai contra a nossa essência, ao ethos corinthianista. Baseadas nesses ideais, nos posicionamos contra o informativo distribuído pela sub sede Zona Sul da Estopim da Fiel Torcida. É inaceitável que esse tipo de ideal seja disseminado entre os nossos. Homofobia é crime, e o machismo não pode passar. Não é direito de diretores e membros de torcidas dizer o que as mulheres devem ou não vestir nos estádios. Nós estamos lá pelo Corinthians, para o Corinthians. Enquanto as torcidas estiverem preocupadas em ditar a cartilha do "bom" torcedor, problemas muito mais sérios como a

perseguição das organizadas pelo MP e por políticos com interesses escusos, as contas do Estádio, os valores dos ingressos, as eliminações do Corinthians em mata-mata e a má administração do clube, perdem espaço de discussão. É preciso se politizar sim, e desconstruir certos mandamentos. O Corinthians é preto, é branco, é tradição, e jamais deixaremos que seja preconceituoso e opressor. Movimento Toda Poderosa Corinthiana¹⁴.

Figura 2 – Imagem do informativo emitido por uma subsede da Estopim da Fiel, que acompanha a nota de repúdio feita pelo MTPC, em 16/05/2016



Fonte: Movimento Toda Poderosa Corinthiana (Facebook)

A repercussão causada pelo protesto publicado pelo MTPC foi imediata, resultando em uma nota de retratação da Estopim da Fiel Zona Sul horas depois, postada na própria página da torcida no Facebook e, posteriormente, compartilhada pelo MTPC, com o seguinte pronunciamento:

NOTA DE RETRATAÇÃO Sub-sede Estopim da Fiel Zona Sul

Nós do Movimento Toda Poderosa Corinthiana acreditamos que é preciso ter responsabilidade e seriedade na hora de escolher um porta-voz para representar uma entidade, pois, muitas vezes, a opinião individual do escolhido pode comprometer de forma negativa a imagem de toda uma organização/coletivo. Hoje, com o alcance das redes sociais, as notícias se espalham com rapidez, e um fato grave como esse, que envolveu machismo, homofobia e segregação, pode acabar com o trabalho daqueles que não compartilham das mesmas ideias [sic]. Continuaremos acompanhando e denunciando esse tipo de manifestação. Não podemos mais tolerar nenhuma forma de preconceito. O Corinthians é o time do povo. E o povo somos todos nós, independente de gênero, orientação sexual ou cor de pele. Movimento Toda Poderosa Corinthiana¹⁵.

¹⁴ Postagem feita em 16 de maio de 2016, que recebeu 225 curtidas, 37 comentários e teve 37 compartilhamentos. O link para acesso ao post e comentários é: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/a.207046452993754.1073741828.207037396327993/238012363230496/?type=3&theater>. Acesso em: 27/06/2016.

¹⁵ Postagem feita em 16/05/2016. Recebeu 55 curtidas e 4 comentários. O link para acesso é: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/posts/238181173213615>. Acesso em 27/06/2016.

Na entrevista com as integrantes do movimento, foi possível entender o que se passou entre as notas publicadas pelo MTPC e Estopim da Fiel. Por compartilharem o mesmo universo da entidade ali criticada, houve um debate preliminar, no grupo de moderadoras, sobre como se posicionar politicamente e denunciar uma atitude machista de um “amigo de arquibancada”, de forma que integrantes do coletivo não ficassem expostas, uma vez que, segundo elas, “na arquibancada todas as pessoas se conhecem”:

A gente começou a alimentar a página e chegou até a gente uma cartilha feita pela Estopim da Fiel para os novos sócios. Nessa cartilha estava dizendo que as meninas não podiam ir ao jogo de shorts, não poderiam fazer algumas coisas. A gente olhou e pensou assim: “Isso está errado, vamos fazer alguma coisa sobre”. Transgredir é a nossa função. O nosso grupo é um grupo de desconstrução, a gente desconstrói a nós mesmas todos os dias, porque é muito difícil você lidar com torcidas organizadas, com os nossos amigos, porque a gente tá batendo de frente com pessoas que frequentam jogos com a gente. “Vamos fazer uma nota contra uma torcida organizada do Corinthians, contra os nossos amigos? Como vamos fazer isso?” Nós ficamos um dia inteiro discutindo, conversando, porque é muito delicado. Não é uma coisa distante, que você pode soltar a bomba e sair correndo, porque no domingo a pessoa vai estar lá do seu lado. Acho que a gente foi super delicada, abordou a questão do jeito que a gente queria questionar: “Porque é que vocês ainda estão ditando a maneira como a menina tem de se comportar em uma torcida organizada? Isso não tá certo!” E aí eles entraram em contato com a gente. Foi bem legal da parte deles, foi correto. Falaram que a cartilha era de uma subseleção e a diretoria não tinha aprovado. E a gente falou assim: “Tudo bem, vamos publicar a nota de vocês”. Mas internet, nada vai superar a primeira publicação. Todo mundo viu a nota sobre a cartilha, mas poucas pessoas viram a resposta deles. A gente trata de questões muito delicadas, porque a gente tá ali falando de condutas de torcidas organizadas. Mas hoje à noite tem jogo e o que a gente fala aqui, reflete no que acontece no jogo. Todo mundo se conhece, então, não é difícil que uma pessoa chegue em você no jogo e fale: “Olha, não foi legal, não gostei daquilo que você publicou”. E assim, num cenário muito bom, a pessoa vai falar isso (Denise, MTPC).

Essa vivência dentro do futebol, nas arquibancadas, nas próprias torcidas organizadas, faz com que o MTPC pense e elabore as suas ações com o objetivo de combater e desconstruir preconceitos por meio do diálogo com o campo futebolístico. Dessa forma, ainda que influenciadas por ideias e discursos de ativismos promovidos por movimentos e coletivos feministas contemporâneos que questionam as desigualdades de gênero na sociedade, as integrantes do MTPC, mesmo se reconhecendo como um coletivo de torcedoras feministas, veem-se praticando um ativismo distinto, com foco na “educação e desconstrução” do “amigo” que compartilha a arquibancada:

Todo mundo se conhece, então, não é difícil que uma pessoa chegue em você no jogo e fale: “Olha, não foi legal, não gostei daquilo que você publicou”. E isso assim, num cenário muito bom, a pessoa vai falar: “Não gostei do que você publicou”. Porque são questões muito delicadas, condutas de pessoas que agem de uma mesma forma há anos. Para a gente chegar e fazer uma nota, é porque a gente ficou debatendo, ó... Porque cada uma tem uma forma de pensar. Tem uma aqui, outra no interior, tem uma que está no exterior, e cada uma tem uma forma de

pensar. Se virou uma nota na página do Movimento, foi porque aquilo conseguiu mexer de alguma forma com todas. Então, a gente vai falar e não ter rabo preso. Tentar fazer a coisa de uma forma que não atinja ninguém, mas chegar no ponto que a gente precisa é o nosso desafio. E sem deixar de abordar as outras questões que a gente fala sempre, que é violência... A gente não costuma postar todos os dias, mas sempre assuntos relevantes. Na semana da Lei Maria da Penha, a gente fez um planejamento e postou todos os dias. A menina que curte a página tem que saber que se ela apanhar, ela tem de ir à delegacia e denunciar. Ah, e se ela apanhar no jogo? Piorou porque envolve futebol, que é o que a gente tá mais envolvida. O nosso desafio é esse: além de falar o que todas as meninas dos outros coletivos falam – a mina do coletivo feminista vai meter o pau no cara – só que a gente não pode meter o pau no cara, o cara é nosso amigo, a gente tem de educar. É educar e desconstruir. Às vezes, a gente manda uma mensagem: “Ai, meu Deus, eu não tô aguentando tal coisa...”. Como a gente pode falar com essa pessoa? Como tentar ajudar ela? É desse ponto que agente parte... (Denise, MTPC).

É muito delicado porque são pessoas do nosso convívio. É diferente de você ter um movimento feminista e dar tiro para tudo que é lado. A gente vive nesse universo de futebol. [...] Então, calma, porque nesse universo a gente tem de tomar um pouco de cuidado com onde a gente pisa, com quem a gente fala... (Analu, MTPC).

São comuns as ofensas e tentativas de intimidação dirigidas à página por meio de comentários públicos e mensagens privadas. Em um episódio, corinthianos chegaram a fazer um meme, que publicado no Facebook e posteriormente apagado, com o propósito de expor e ridicularizar algumas mulheres integrantes do coletivo. De acordo com Amaral e Coimbra, que analisaram a ação de *haters*¹⁶ em redes sociais brasileiras, mais especificamente, campanhas elaboradas por coletivos feministas, o “comportamento sexual disruptivo é o alvo predileto do ataque dos *haters*, principalmente quando estes fogem dos padrões tidos como ‘morais’ por um determinado grupo social” (2015, p. 300).

O fato do campo futebolístico e das próprias torcidas ainda se caracterizarem como redutos masculinos e heterossexuais, faz com que exista também cautela quanto a levar símbolos e imagens aos estádios que identifiquem o movimento. Por outro lado, conforme o relato a seguir, o fato das mulheres integrantes do MTPC serem reconhecidas como parte do “Corinthians”, fez com que a atitude preconceituosa fosse coibida por dirigentes da torcida organizada da qual faziam parte os torcedores que fizeram o meme ofensivo – não em função da ofensa machista, mas pelo desrespeito a quem também é torcedora do time:

D: Estava rolando algum meme sobre futebol na época e a gente fez um: “Sem machismo, sem violência contra a mulher, sem escanteio curto, sem ingresso caro...” com fotos nossas, fotos de torcedoras.

A: Aí no dia que a gente colocou na página, aberto, um monte de gente curtiu e aí teve uns infelizes, uns corinthianos, pegaram e montaram assim: “Sem ingresso caro, sem machismo e sem pau...”

D: “E sem pau para chupar”.

¹⁶ “O termo hater (em português, odiador) como gíria da internet é originário do hip hop norte-americano, e está relacionado à expressão “Haters Gonna Hate” (Odiadores vão odiar), e é utilizado para categorizar o sujeito que fala mal dos outros através dos espaços de interação e conversação na internet” (AMARAL; COIMBRA, 2015, p.300)

A: Só que um cara publicou no Facebook pessoal dele, ele e mais uma meia dúzia tirando sarro tirando e aí uma das fotos tinha pessoas, mulheres dos Gaviões da Fiel. O que aconteceu? A própria diretoria da Gaviões quando viu isso, essa tiragem de sarro, repreendeu os caras: “Vocês tirem isso agora! Porque corinthiano não faz isso com corinthiano”. Uma coisa é um time rival tirar sarro, agora dentro do Corinthians, com mulheres corinthianas, e um grupo de homens corinthianos fazer esse tipo de montagem e brincadeira... Alguns diretores do Gaviões entraram em contato com os caras: “Tira agora, deleta!” O cara deletou, pediu desculpas, mas ficou por isso mesmo e não teve muita repercussão. Depois disso, a gente falou: “Vamos devagar”. A gente não se expõe muito, do tipo: “Ela é a representante, eu sou a representante...”. No grupo, no coletivo, são várias mulheres. Não vamos pegar uma: “Essa aqui é a presidente do Movimento...” Acho que nunca vai acontecer isso para não ter aquela pessoa como alvo. Então, a gente tem esse grupo de 12, 13 colaboradoras, a gente entra num senso comum, posta na página, mas, assim, se tiver que por uma cara para bater ou vai todo mundo... Ou vai uma parte (risos). Porque tem algumas que estão no grupo fechado do Facebook e nem pessoas que andam com elas, sabem que elas fazem parte do Movimento... (Analu e Denise, MTPC).

As falas de Denise e Analu dão a entender que o futebol ainda é um meio que não pode ser considerado totalmente acolhedor e seguro às mulheres (seja como torcedora ou jogando). Por outro lado, também é importante enfatizar que as práticas discursivas inspiradas pelas pautas feministas e a reivindicação pelo reconhecimento como torcedoras fizeram com que o MTPC alcançasse maior visibilidade e canais de diálogo com o meio futebolístico. Tal reconhecimento passa também pelo engajamento e paixão que essas mulheres têm pelo Corinthians e pelas trajetórias junto aos atores estabelecidos do campo futebolístico, anteriormente à existência do coletivo.

Considerações finais

Ainda que tenha construído inicialmente a sua visibilidade na esfera virtual, é importante também destacar que o ativismo do MTPC e de torcedoras que se apropriaram de discursos feministas, produzem desdobramentos para além do ciberespaço e que têm alargado os significados da presença das mulheres no futebol. Prova disso, tem sido o maior apoio do clube, o Corinthians, ao futebol feminino, inclusive na recente ação “Respeita as minas”, visando combater o machismo e os estereótipos relacionados ao futebol feminino.

Dessa forma, o Movimento Toda Poderosa Corinthiana faz ativismo político, por meio da apropriação da palavra, que faz com que essas mulheres, corinthianas e feministas promovam uma “reconfiguração da divisão do sensível” (RANCIÈRE, 1996, p. 38), desestabilizando as concepções normativas sobre limites à participação das mulheres no Corinthians, no futebol e na sociedade:

No geral, a gente quer que o coletivo, o movimento se fortaleça, daqui alguns anos seja realmente um movimento super legal, que a gente possa juntar mais e mais corinthianas e conquiste direitos. (...) Na verdade, Corinthians, feminismo e a

política, hoje em dia os três são muito ligados e sempre trabalhando para o bem comum e fazendo para um mundo mais justo, é isso que eu quero. E aí eu tô usando o Corinthians, pra no futuro, daqui uns 100, 200 anos, lembrarem do Movimento Toda Poderosa Corinthiana, e falarem: “Pô, que legal essas mulheres! Nossa, elas eram super modernas na época...” (risos) (Analu Tomé, MTPC)

Bibliografia:

AMARAL, A; COIMBRA, M. “Expressões de ódio nos sites de redes sociais: O universo dos haters no caso #eunãomereçoserestuprada”. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 13, n. 3, p. 294-310, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v13i2.14010>. Acesso em: 30 set. 2017.

FREIRE, Fernanda. “Campanhas feministas na internet: sobre protagonismo, memes e o poder das redes sociais”. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 8, n. 5, p. 26-32, jul. 2016. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/03-Fernanda-Freire.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

MOORE, Henrieta. “The problem of explaining violence in the social sciences”. In: HARVEY, P.; GOW, P. **Sex and Violence: Issues in representations and experience**. London and New York: Routledge, 1994, p. 138–155.

PINTO, Maurício Rodrigues; BONFIM, Aira. “Pelo direito de torcer”: A experiência de grupos e coletivos de torcedorxs de futebol contra a cultura de que futebol é coisa pra macho. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11**, Florianópolis: UFSC, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: Política e Filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

SILVA, Giovana. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

WITTEKIND, Milena. Empoderamento Feminino: Estudo das manifestações feministas por meio de hashtags. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, RS, 2016.

Entrevista:

Analu Tomé, Denise Bonfim e Petunia Ribeiro. 26/11/2016. Realizada por Aira Bonfim; Maurício Rodrigues Pinto; Fernando Breda; Julia Terin. Disponível em: <http://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:acervo/661781>.